

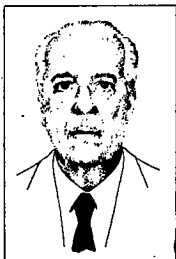
P2

# ESTADO DE SÃO PAULO

## O uso do cachimbo

PAULO PIMENTA DE MELLO

O malogro da estatização como forma de organização econômica é um fato, e muitas nações se esforçam para se livrar das peias paralisantes que lhes foram impostas. Entre os países que lutam para retirar o Estado das ilhargas da sociedade estão a Rússia e o Brasil.



No caso da ex-URSS, sete décadas de propaganda onipresente meteram na cabeça dos cidadãos que "ganhar dinheiro é um crime contra o povo, a ser punido com rigor". Isso que fere frontalmente os postulados da livre iniciativa e da economia de mercado, que lá se quer instalar como condição precípua para inserir o país no mundo moderno. Há cinco anos, um moscovita empreendedor aproveitou a abertura da perestroika e montou um pequeno negócio, obtendo lucros. Logo os vizinhos foram à KGB denunciá-lo, exigindo, aflitos e indignados, sua punição. O combate a tal mentalidade não está sendo fácil, porque o uso prolongado do cachimbo comunista deformou bastante a boca dos soviéticos.

No Brasil, temos também as nossas distorções. Durante centenas de anos, boa parte do povo considerou o governo uma espécie de "superpai", do qual emana todo o bem e todo o mal, além de possuir burras inesgotáveis e generosas para os "amigos do rei". A maioria dos dirigentes nordestinos é marxista inconsciente: crê que o progresso da região depende apenas dos planos, da direção e do dinheiro do governo. Federal, naturalmente. Ora, a crença nas virtudes do governo como promotor do desenvolvimento é uma noção puramente marxista.

Incidentes do dia-a-dia revelam a todo momento essa distorção. Nossas autoridades econômicas aprenderam nos tratados que a recessão é indispensável no combate à inflação, mas nenhum deles considerou o fato de que essa receita jamais foi aplicada num país cuja população cresce à razão de quase três milhões de habitantes por ano e por isso precisa criar 1,6 milhão de empregos novos a cada 365 dias, para dar trabalho às multidões de adolescentes que chegam aos 18 anos. Nas condições

brasileiras, promover deliberadamente uma recessão parece-nos uma decisão duvidosa. A idéia de alguém comprar alguma coisa apavora as autoridades, que sonham com toda a moeda circulante docemente aconchegada nas poupanças, para financiar o déficit público. Bloquearam até as compras a prazo, com juros de 42% ao mês. Só que a desejada recessão tem um subproduto perverso: o desemprego. A Brastemp, acosada pela queda das vendas, demitiu mais de mil operários, conseqüência fatal da política do governo. É o que aconteceu? Um líder sindical entrou em greve de fome! Trata-se de gesto absurdo e impensável em qualquer nação capitalista, onde as questões econômicas são tratadas sem emocionalismo e onde a notícia de semelhante greve deve ter sido recebida com espanto e incredulidade. Qual a solução que esse sindicalista propõe? Suspeitamos que seria a estatização da empresa, pois então nossos impostos cobririam os prejuízos e garantiriam o emprego de todos os trabalhadores e até — quem sabe? — a contratação de mais algumas centenas... É a solução socialista clássica, mas foi por proceder assim que a poderosa ex-URSS chegou ao ponto a que chegou. E nós também.

Outra amostra da insidiosa mentalidade estatizante foi a decisão do Ministério da Economia de fazer severas exigências para os consórcios de carros importados, como seus promotores apresentarem garantias de fornecimento de peças e de serviços de manutenção. Mas o que tem o Ministério da Economia com isso? É óbvio que os pretendentes a um carro importado não são ingênuos nem pobres ignorantes que precisem da proteção estatal para não cair na esparrela de trambiqueiros. Quem se dispõe a pagar Cr\$ 1 milhão por mês está longe de ser indefeso, mas o "superpai" insiste em velar por todos e ninguém estranhou tão tocante preocupação. Também os acalorados debates sobre aluguéis de imóveis e mensalidades das escolas particulares soariam absurdos em qualquer país capitalista.

Na verdade, temos ainda um longo caminho a percorrer para chegarmos ao Primeiro Mundo. O cachimbo do "superpai" deformou demais a boca dos brasileiros...

■ Paulo Pimenta de Mello é médico e professor